

BRASIL LIVRE DE AFTOSA COM VACINAÇÃO

Décadas de trabalho diuturno, sistemático e especializado dos Auditores Fiscais Federais Agropecuários (AFFAs) foram indispensáveis para que a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) declarasse o Brasil zona livre de febre aftosa com vacinação. Os AFFAs compartilham a satisfação desse reconhecimento internacional com toda a sociedade brasileira, em especial produtores e profissionais de diversas áreas, públicas e privadas, que tornam o agronegócio brasileiro cada vez mais forte, saudável e valorizado em todo o mundo.

AUDITORES FISCAIS FEDERAIS AGROPECUÁRIOS O BRASIL CRESCE COM ELES



ANFFA SINDICAL

Panorama do Agronegócio no Sul

agrio

& NEGÓCIOS

**CONTRA
A MARE**
Pecuaristas
enfrentam
desafios
e apostam no
leite orgânico

SUÍNOS
Como está a
biossegurança
em sua granja?
Veja como
proteger o plantel
e garantir a saúde
dos animais

MADE IN BRAZIL

CARNE QUE CONQUISTOU O MUNDO

smo diante da instabilidade de mercado provocada por recentes embargos, excelência no processo de produção da proteína animal brasileira coloca o s entre os grandes exportadores mundiais. A expectativa é de que até 2020, produção nacional suprirá 44,5% do mercado mundial.

**SPECIAL
COOPERATIVISMO**

Saiba porque as cooperativas tornaram-se alicerce do agronegócio brasileiro

BOVINOS ESPECIAL LEITE ORGÂNICO

CERTIFICAÇÃO COLETIVA

A certificação coletiva da Rede Ecovida do Núcleo Vale do Uruguai é uma forma de expressão pública do trabalho que ela realiza e com isso espera que seja reconhecido pelo consumidor como um selo que carrega um conjunto de valores e compromissos assumidos pela Rede. Há, além de tudo, uma preocupação com o meio ambiente, estímulo à organização das famílias produtoras, incentivo à transformação comunitária dos alimentos e prioridade aos circuitos curtos de comercialização.

São realizadas reuniões periódicas entre os produtores e durante o ano o Conselho de Ética da Rede Ecovida realiza visitas para acompanhamento e formação. O certificado tem a validade de um ano e logo após é preciso renová-lo.

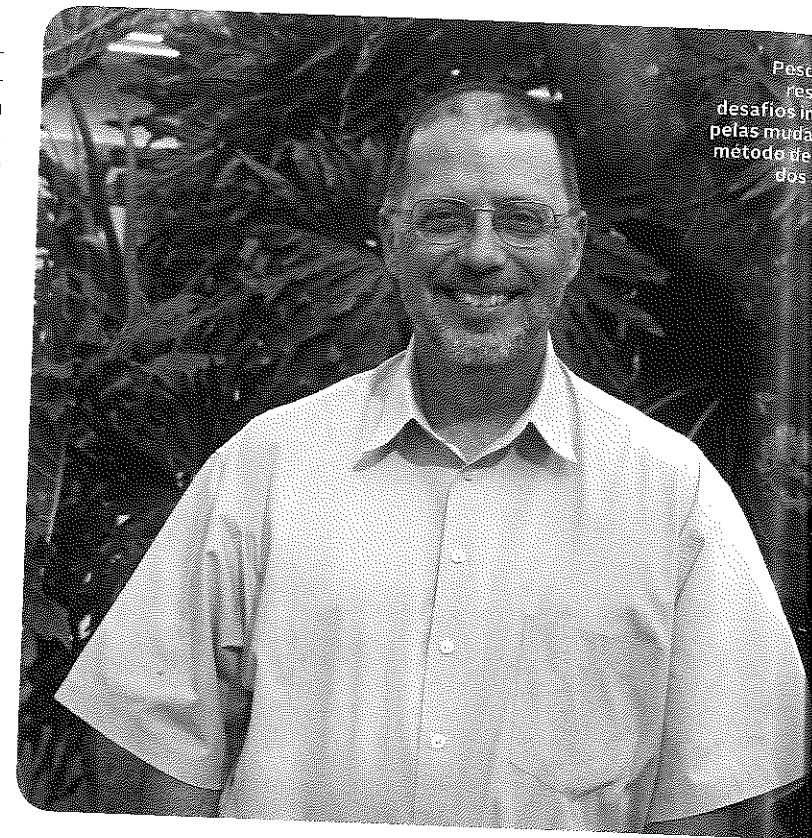
AGREGAR VALOR

No início, os agricultores da cooperativa não tinham referências de outros grupos de produção orgânica na região. O trabalho foi de formiguinha, aos poucos, com sutileza foram realizadas as primeiras ações, mas a principal delas era agregar valor ao produtor. "É difícil você produzir algo que as pessoas não têm costume de consumir pela questão cultural e econômica da região, o que acaba inviabilizando a produção", afirma Cleber Weschenfelder.

Ele acrescenta que o leite orgânico traz autonomia para o agricultor, pois na produção convencional há uma perda de valor do produto, com a desvalorização e oscilação de preço pago pelas empresas, que por fim ficam com o maior lucro.

Segundo a Embrapa, enquanto o produtor recebe R\$ 0,97 pelo litro do leite comum, a indústria paga R\$ 1,60 pelo orgânico.

Na visão do fundador da cooperativa, hoje, outra angústia que os agricultores enfrentam, é a falta de esclarecimento da população do entorno. "A região ainda não possui um discernimento sobre essa produção, por isso da dificuldade da inserção. Se tivéssemos umas 50 famílias produzindo esse derivado, com



certeza teríamos capacidade de levar nosso leite para grandes centros, onde o produto orgânico tem um valor agregado".

O DESAFIO MAIOR É A TRANSIÇÃO

O pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, Artur Chinelato de Camargo, implantador do programa Balde Cheio, esclarece que o desafio maior é substituir métodos tradicionais, como as adubações químicas, por compostos orgânicos e os medicamentos alopatícos por fitoterápicos ou homeopáticos, mantendo a alta produtividade.

Ele informa que os conhecimentos e recomendações técnicas do programa são praticamente os mesmos para os dois sistemas, convencional e orgânico. O processo de manejo, irrigação para intensificação do solo, altura de entrada e saída dos animais, dos piquetes são os mesmos. O que muda são as restrições do modelo orgânico, como o uso de fertilizantes químicos e agrotóxicos.

O bem-estar das vacas também é uma preocupação constante do produtor orgânico. A atividade animal deve estar integrada à produção vegetal. "O bem-estar é o princípio desse conceito está inserido na filosofia do Balde Cheio, que é oferecer alimento de qualidade, água boa à vontade, sombra, não deixar as vacas serem parasitadas com ecto e endoparasitas, entre outras coisas", explica o agricultor Ricardo Schiavinato, da propriedade Serra, da Serra Negra (SP), primeira produtora de leite orgânico do Programa Balde Cheio.

Um alerta do pesquisador da Embrapa é que o pecuarista só deve entrar nesse mercado de produção se tiver garantia de venda dos produtos. De acordo com ele, é um negócio rentável, mas a garantia de venda dos produtos é essencial, já que o custo de produção é maior que o convencional.

“Na produção orgânica do leite reduzimos ao máximo os custos, assim agregamos valor a um produto saudável que tem carinho especial com o planeta.”

Cleber Weschenfelder

O QUE É O BALDE CHEIO?

O Programa da Embrapa, Balde Cheio, é uma metodologia inédita de transferência de tecnologia que contribui para o desenvolvimento da pecuária leiteira em propriedades familiares. O objetivo é capacitar profissionais de extensão rural e produtores, promover a troca de informações sobre as tecnologias aplicadas regionalmente e monitorar os impactos ambientais, econômicos e sociais, nos sistemas de produção que adotam as tecnologias propostas.

INCENTIVO À PRODUÇÃO

Atenta a um potencial de mercado promissor – que cresce aproximadamente 30% ao ano de acordo com dados da Apex e USDA – a Nestlé está investindo na produção de leite orgânico em larga escala.

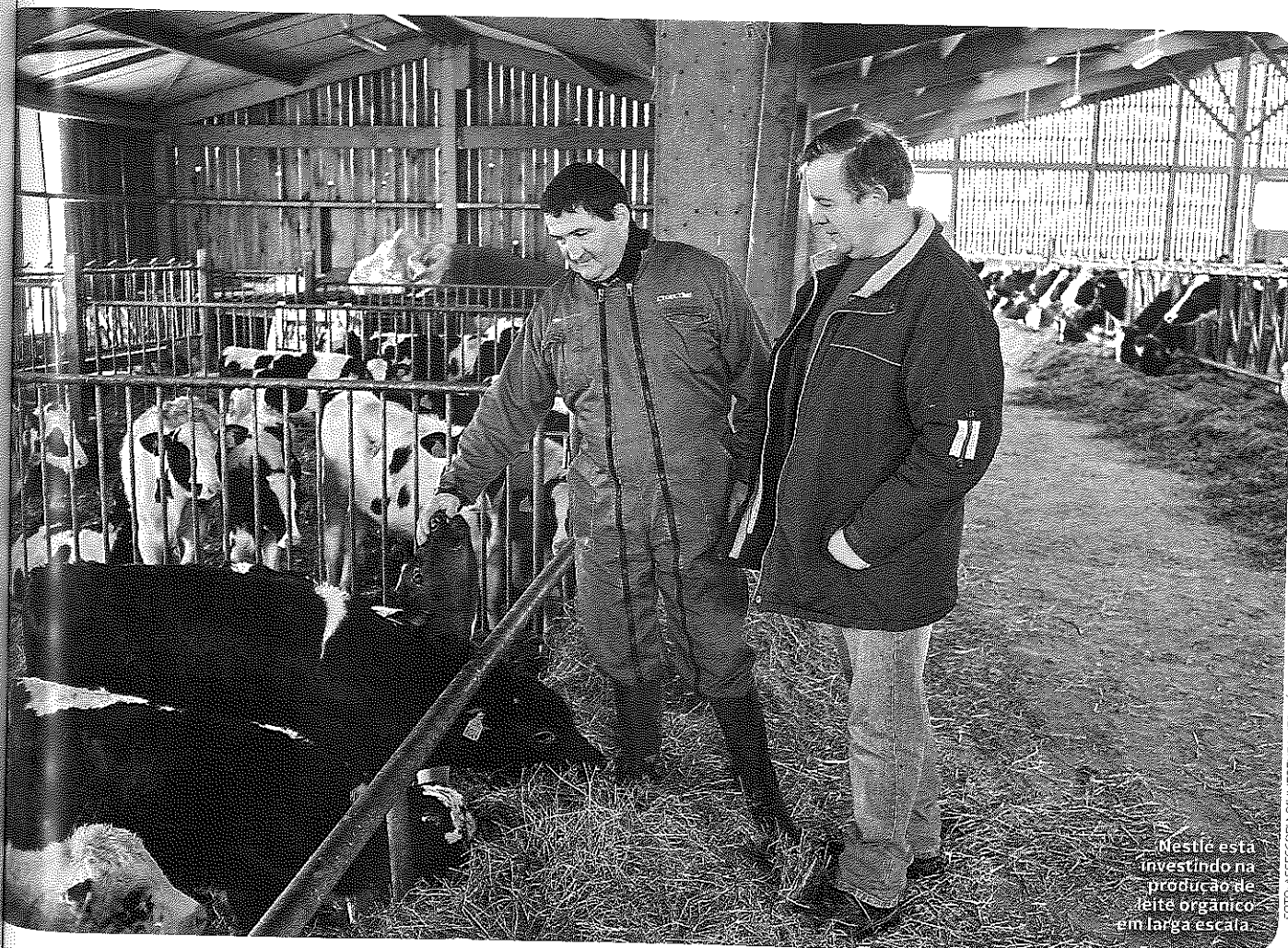
O objetivo é atuar para a transformação de toda a cadeia, tornando a produção atrativa, rentável e disponível no mercado a partir de 2019. A iniciativa começa na região de Araraquara (SP), onde a empresa já possui fábrica.

Para tornar a produção orgânica uma realidade, a empresa vem trabalhando em parceria com a Embrapa Sudeste, o Instituto Mokiti Okada e o IBD Certificações. O processo de conversão de fazendas que produzem leite convencional para a produção orgânica é longa e leva, em média, de 18 a 24 meses. A Nestlé conta atualmente com 18 propriedades

já em processo de conversão, representando 16.000 litros/dia.

A estimativa da empresa é de que outros novos produtores ingressem na produção e, com isso, a meta de alcançar entre 20 mil a 30 mil litros por dia, em 2019, seja alcançada, representando o dobro da produção atual de leite orgânico no Brasil.

A Nestlé fecha contratos de até 36 meses com os produtores que entram no estágio marco zero e passa a pagar o valor do preço de leite orgânico já nesta fase, a fim de incentivar a cadeia. Além disso, a empresa auxilia a compra da ração orgânica pelo produtor, apoiando na intermediação com fornecedores. Os custos com a certificação de orgânico também são assumidos pela Nestlé, bem como aqueles com assistência técnica especializada são subsidiados parcialmente pela empresa.



Nestlé está investindo na produção de leite orgânico em larga escala.

FOTO: ASSESSORIA DE IMPRENSA NESTLÉ